

VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA QUILOMBOLA NA ESCOLA DO CAMPO: MEMÓRIAS DO MATÃO/PB

Prof^a. Me. Marta Oliveira Barros

Universidade Estadual da Paraíba

Barros.marta21@gmail.com

Resumo: Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado do programa de Pós- Graduação de Formação de Professores da Educação Básica-PPGFP/UEPB realizada no período 2014-2016 e está embasado nas vivências dos idosos da comunidade remanescente quilombola do Matão localizada no agreste paraibano. Neste artigo são narrados testemunhos de forma sublime por quem realmente os vivenciou. A pesquisa teve como objetivo principal: Refletir como as memórias dos idosos quilombolas podem auxiliar os professores da educação básica a desenvolver, juntamente com seus estudantes, a releitura da identidade negra e a valorização da história e cultura local. Como respaldo teórico, nos fundamentamos em: Bosi (1994); Hall (2003); Halbwachs (2006), Freire (2014) entre outros autores. O artigo constituiu-se na abordagem qualitativa de investigação com a opção pelo método etnográfico, com a finalidade de refletir sobre as narrativas vivenciadas pela idosos bem como, valorizar as experiências construídas ao longo da história de vida da comunidade do Matão/PB. Pois as narrativas orais dos idosos dão oportunidades aos quilombolas, que tanto foram excluídos e dominados, de narrar suas histórias em meio à sociedade dominante e contribuir com a ressignificação da identidade quilombola, porquanto suas tradições, crenças e história foram silenciadas no cotidiano escolar. Já que através das histórias de vidas do idosos as crianças do Matão/PB podem ressignificar suas identidades. Haja vista que eles terão oportunidade de conhecer sua história e suas tradições culturais a partir das narrativas do seu povo. Esta pesquisa torna-se relevante, uma vez que a partir dos depoimentos podemos pensar em temáticas que possam ser inseridas no currículo da escolar do Matão/PB, pois as possíveis contribuições da cultura quilombola para a sala de aula podem também auxiliar os professores a desenvolver estratégias pedagógicas que viabilizem o empoderamento das crianças em seu contexto sociocultural.

Palavras-chave: MEMÓRIA, VALORIZAÇÃO, HISTÓRIA E CULTURA.

INTRODUÇÃO

No Brasil, por ser um país miscigenado, a escola precisa considerar as diferenças étnico-raciais existentes no processo de formação populacional, posto que a maioria dos livros didáticos que tratam a história oficial brasileira faz referência à etnia negra como inferior às demais etnias. Nesse sentido, a educação formal tem o papel significativo de auxiliar os estudantes a fazer uma releitura da história e cultura do povo quilombola, pois as práticas culturais e costumes quilombolas necessitam ser valorizados nas práticas pedagógicas cotidianas.

A escola tem uma função significativa na formação do sujeito. E se as práticas pedagógicas evidenciarem no cotidiano escolar a importância da ancestralidade quilombola, estará contribuindo para o fortalecimento das referências culturais dos jovens remanescentes quilombolas, além de colaborar para a permanência étnico-cultural de um povo que tanto foi inferiorizado pela sociedade dominante.

Neste trabalho é evidenciado os depoimentos dos idosos da comunidade quilombola do Matão localizada no agreste paraibano. Aqui discutimos como suas narrativas dos idosos podem favorecer a releitura de algumas tradições culturais da comunidade no espaço escolar. Ademais, apresentamos as memórias como meio do professor desenvolver atividades pedagógicas que valorizem a história e cultura local a partir da voz dos idosos, proporcionando uma reflexão pertinente aos saberes quilombolas que existem não na biblioteca da escola, mas nas memórias dos idosos.

Para tanto, este artigo teve como objetivo principal: Refletir como as memórias dos idosos quilombolas podem auxiliar os professores a desenvolver, juntamente com seus estudantes, a releitura da identidade negra e a valorização da história e cultura local. Assim esta pesquisa torna-se relevante, pois a partir desta pesquisa podemos pensar em temáticas que possam ser inseridas no currículo escolar, pois as possíveis contribuições da cultura quilombola para a sala de aula podem também auxiliar os professores a desenvolver estratégias pedagógicas que viabilizem o empoderamento das crianças em seu contexto sociocultural. Como respaldo teórico, o trabalho foi fundamentado principalmente em: Bosi (1994); Hall (2003); Halbwachs (2006), Freire (2014), entre outros autores.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se configurou como etnográfica de base qualitativa, visto que vivenciei o cotidiano de alguns moradores. Também ratifico que esta pesquisa obteve a aprovação junto ao Conselho de Ética da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, sob o Parecer n. 51716015.7.0000.5187. De acordo com o parecer do Conselho de Ética, é notória a relevância deste estudo, do qual são explícitas as possíveis contribuições. Para tanto, foram realizadas 10 entrevistas, sendo seis com idosos: três mulheres e três homens.

Para as transcrições e interpretações das entrevistas considerassem o glossário de normas de transcrição (MARCUSCHI, 2013). Cada idoso entrevistado foi apelidado com um nome fictício de orixá, mediante a relação entre a personalidade do orixá e a do idoso.

Neste artigo considero a história oral dos idosos como referência, pois como afirma Delgado (2006), a história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes de documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reestruturação do currículo escolar numa perspectiva de valorização étnico-racial é essencial para se inserir no âmbito escolar a história e cultura do Matão, uma vez que as tradições culturais da comunidade precisam ser trabalhadas na escola para favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Charlot (2000, p. 72) argumenta que: [...] qualquer relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade: aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si.

Várias crianças e jovens não conhecem a história da sua comunidade. Isto implica não reconhecer a imagem que se tem de si e aquela que deseja dar de si. Nesse panorama, o que se aprende na escola está diretamente ligado à a dimensão de identidade. E quando essa identidade é estereotipada na maioria dos livros didáticos e nos meios de comunicação, o estudante não tem

prazer em aprender. Conforme defende Charlot (2013), só aprende quem encontra alguma forma de prazer no fato de aprender, não o prazer contrapondo o esforço.

Para o estudante de comunidade quilombola, é importante mostrar que a história do seu povo não foi constituída apenas de sofrimento e humilhações, pois a valorização da história e cultura local contribuirá para uma aprendizagem prazerosa. Assim, torna-se importante que os professores do Matão desenvolvam em suas práticas a valorização das tradições culturais da comunidade, as quais são tão significativas, como, por exemplo, o trabalho das mulheres parteiras que ajudavam as grávidas a “parir” os bebês. Pelo fato de hoje isto não mais ser praticado na comunidade, muitos jovens desconhecem e não valorizam os saberes destas mulheres. Senhoras que ajudaram muitas crianças a nascer, como relata Oxum:

Ela pegava os meninus, ela era parteira. Ainda ela pegou, o que... uns 4 ou 5 mininu meu. Eu tive em casa mermu porque num dava tempo... atrai de arrumar uma pessoa que tivesse o carro pra vim, pra vim buscar num dava tempo. Tinha em casa mermu e ela fazia o parto nomalmente. Aquela minha irmã que mora em frente ao colégio que é merendeira (Oxum, 2015) .

A partir do depoimento de Oxum, podemos compreender que as parteiras eram mulheres que auxiliavam as mães a ter os bebês. Para a cultura da comunidade em períodos anteriores, era natural ter os filhos em casa com a ajuda de uma parteira, mulher com amplos saberes sobre gestação e pós-parto. No entanto, hoje, os jovens não valorizam esses saberes, pois essas mulheres são pouco lembradas na comunidade, apenas por as mães que tiveram ajuda, mas o devido mérito não é atribuído aos saberes dessas mulheres, que sabiam o momento certo de cortar o cordão umbilical, de higienizar o ambiente, de cuidar do bebê e da mãe. Estes saberes e experiências fazem parte da história de vida de muitas mulheres e crianças do Matão. Assim, defendo que esses saberes precisam ser trabalhados na escola. É importante os professores mostrarem às crianças o valor dessas mulheres para a história do povo do Matão.

Elas merecem ser contempladas na releitura da história do Matão, visto que a profissão na área de saúde é valorizada socialmente porque salva vidas, ajuda a dar a vida. Mas, e as parteiras do Matão? Será que as experiências e saberes das parteiras da comunidade não são tão importantes quanto os de um médico que também tem seus saberes e experiências? A partir de questionamentos como este, o professor poderá despertar a curiosidade da criança para aprender e valorizar os saberes de seu povo. Para Freire:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. (FREIRE, 2014, p. 83)

Nesse sentido, o professor necessita despertar na criança questionamentos que beneficiem sua criticidade. Não basta apenas fazer perguntas e querer a reprodução de respostas prontas e acabadas, mas que a criança passe a compreender a importância da curiosidade para sua formação cidadã e, principalmente, a curiosidade sobre as memórias de sua comunidade. Pois assim, os estudantes terão condições de compreender e valorizar suas tradições culturais e não continuarão a reproduzir o discurso da sociedade dominadora que tem uma visão “Daltonica”. Que Cortesão e Stoer (1999) chamam de daltonismo cultural. Já que nessa visão é desconsiderado a cultura das minorias. Os quilombolas.

De acordo com Charlot (2000), existem três dimensões da relação com o saber - mobilização, atividade e sentindo, as quais se interpenetram no processo de escolarização. Assim, o estudante precisa de motivação para querer aprender. Na escolarização quilombola, as crianças e jovens precisam de mobilização para desenvolver atividades que tenham significado. Isto pode ser feito através de sua identidade cultural, que os fazem se sentir mobilizados, parte da história. Como sugere Freire (2005), a investigação temática que se dá na propriedade humana não pode ser reduzida a um ato mecânico, mas precisa ser um processo de busca, de conhecimento, capaz de desencadear significados e interpretações dos problemas a partir da temática investigada, de modo que o estudante possa encontrar sentido para o que está aprendendo e interprete as diferentes problematizações.

Memória de idosos como meio de ressignificar a identidade quilombola no âmbito escolar

É certo que o idoso, quando expressa suas lembranças, faz uma releitura do seu passado. Os velhos têm a possibilidade de refletir sobre certas passagens, detalhes e, dessa forma, reinventar a identidade. Então, a memória dos idosos quilombolas possibilita uma nova versão de sua história, rica em detalhes que foram silenciados pela sociedade colonizadora.

Bosi (1994) afirma que, na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Pois a memória trabalha, e a

dúvida de reconstruir “tal como foi” o que está no passado se daria no inconsciente. Como pode ser observado na fala do idoso Ogum:

Tinha a Fazenda Riacho Verde... tinha tinha... a de Mané Borge, ele tinha só uma fazenda só, mai tinha muita terra, sabe? Chegava quase até Itabaina... tinha Major João Celém... Naquele tempo... esse povo era major, era coroné... era tudo... E a gente trabalhou nas terras desse povo tudim... e outra, a gente era OBRIGADO a trabalhar... Nesse tempo, agricultura tava bem, chuvia... dava bem, os pai de fãmia trabalhava com a família toda, né? Em casa de ter dez, doze trabalhava tudo junto, butava um roçado grande como si di... lucrava bem... aqui, essas terras dava muito algodão, só que era pior do que hoje, ERA SUJEITO, sujeito a vender a eles... a vender a eles...avei eles comprava pelo menor preço e PAGAVA quando queria... todo final de semana, o pai de fãmia ia lá, ele dava um pedacim de dinheiro e avei passa o ano todo pa... pa... pagar. Por isso que esse povo não fizeram futuro de nada da agricultura, mode isso (2015) .

Nesse cenário, podemos analisar que, embora Ogum mantenha a forma de tratamento aos fazendeiros como “coroné” e “major”, em seu testemunho, ele demonstra a revolta pela exploração do trabalho do seu povo. Quando ele diz “por isso que esse povo não fizeram futuro de nada da agricultura, mode isso”, faz uma releitura da situação de opressão a que seu povo era submetido pelos coronéis da região. Nesse caso, a lembrança torna-se uma releitura crítica da maneira com que os quilombolas eram reprimidos aos domínios dos coronéis.

Portanto, a memória dos idosos quilombolas não pode ser legitimada apenas com fins de reviver o passado, mas de dar a oportunidade aos negros quilombolas de expressar suas angústias e, principalmente, questionar a maneira pela qual seu povo era excluído e explorado como força de trabalho, haja vista que o povo quilombola sofreu prejuízos econômicos, sociais e culturais com a perversa colonização. Hall (2003) considera importante a reescrita do período colonial a partir de uma leitura do “Pós-colonial”:

[...] O termo “pós-colonial” não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Ele relê a “colonização” como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural - e produz uma reescrita desconcentrada, diaspórica ou global das grandes narrativas imperiais do passado, centrada na nação (HALL, 2003, p. 109).

A memória dos idosos é fundamental para ressignificar a história do povo do Matão, uma vez que a história do negro quilombola lhe foi negada pelos dominantes. É visível a banalização da luta e da riqueza cultural africana herdada no quilombo. Nesta senda, entendo que as memórias coletivas dos idosos serão importantes para a valorização da história e cultura do povo do Matão no espaço escolar. Porque a memória coletiva possibilita a resistência cultural dos quilombolas. Como afirma Halbwachs (2006, p. 69). “[...] memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo”.

De acordo com o testemunho da idosa Iansã, o negro do Matão era considerado diferente em meio aos demais habitantes da região. Quanto ela ia fazer suas compras na cidade, percebia como as pessoas ficavam olhando para ela, e isto a incomodava. “Óia, chegou a nega do Matão, vigi...” (Iansã, 2015). A partir desta fala, percebemos como os remanescentes de quilombos do Matão eram discriminados em meio à etnia dominante, nomeadamente sendo referidos como “os negro do Matão”. Eram vistos com olhares de racismo e preconceito. Pelo fato de serem negros e morarem no quilombo, não eram aceitáveis em meio à sociedade. Igualmente aos habitantes do Matão, muitas outras comunidades quilombolas lutam pelo reconhecimento e valorização de sua história.

Portanto, a memória coletiva e individual dos remanescentes de quilombo torna-se um meio para as comunidades (re)construírem e apresentarem aos outros povos e aos seus a significação histórica e cultural. De acordo com Munanga & Gomes (2006), a história da escravidão mostra que a luta e a organização dos quilombos são marcadas por atos de coragem, caracterizando o que se convencionou chamar de “resistência negra”. Trata-se de uma resistência material e simbólica, mediante a qual eles não se submeteram a um sistema imposto. Deste modo a memória de cada idoso tem muito a contribuir com a valorização da história e cultura quilombola. Pois cada memória é ponto de vista da memória coletiva. Como ressalta Halbwachs:

Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Não obstante, a história oficial muitas vezes tenta transparecer que os negros no Brasil eram submissos à dominação da cultura dominante. Embora muitos quilombolas tenham se revoltado

com o sistema de opressão, visualiza-se na história oficial apenas uma síntese que concebe esta memória de resistência.

A memória de resistência mais citada em pequenos textos na historiografia brasileira é a de Zumbi dos Palmares. Entretanto, muitos outros quilombolas não tiveram a oportunidade de expressar seus testemunhos, nos quais é visível a resistência à opressão. Como pode ser analisado no depoimento do idoso Xangô, nos momentos de humilhação e repressão, havia o medo e, ao mesmo tempo, a revolta por ter de ser reprimido em seu lugar por outros que se julgavam superiores, os coronéis:

Ói, moça, eu tava inspirando, fiquei com raiva e medo dele butar aquela vara... eu vi muita vei ele butar nas venta dos nego, vi muita vei. Pensando cumigo: “quando ele butar, eu pego e puxo”. Eu, naquele tempo, nego novo, ligero. Naquele tempo, eu era manero. Mai aquilo ali tinha gente arredor dele, os capanga dele pa gente num fazer nada. Era bruto dimai: “DE QUEM É PALU? DE QUEM? DE QUEM É PALU? ESSE ALGUDÃO?”. “É de um rapai do Matão, homi trabalhador”. “OTACILU É BRABO DO MATÃO, PALU? É, PALU? É O BRABO DE LÁ, É, PALU?” (Xangô, 2015) .

Dessa maneira, explicitamos aqui a importância de valorizar a memória dos remanescentes de quilombo, especialmente os idosos, pois a memória dos idosos tem muito a contribuir para a reelaboração de suas histórias não mais pelos dominantes, mas pelo povo que as vivenciou e não teve a oportunidade de expressar suas memórias. Logo, as narrativas dos idosos dos quilombos contribuem diretamente com o sentimento de identidade.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 05).

Assim, a memória dos idosos quilombolas é um meio de resistência identitária e de ressignificação cultural e histórica. Embora as histórias dos quilombos tenham decorrido de

memórias, nas narrativas históricas há a indução de prevalecer as memórias de uma única cultura, ou seja, a dos colonizadores.

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (POLLAK, 1989, p. 05).

Nesse sentido, para a etnia negra, foram negados o reconhecimento e a valorização cultural de seu povo. Mesmo após a abolição da escravidão, ainda prevalece o prestígio da cultura colonizadora, além da imposição às novas gerações de uma história de valorização eurocêntrica. No entanto, o quilombo do Matão representa uma importante forma de resistência ao racismo e ao preconceito na sociedade contemporânea.

Se antes a pessoa passou fome e hoje tá de barriga cheia, a pessoa deve lembrar... que passou fome antigamente, entendeu? Num é... quer dizer...se a gente for lembrar só do presente, a gente tem que lembrar do passado também. A gente somos adulto, devemos lembrar do tempo de criança... se fazia arte, se não fazia... eu lembro dos meus dez, doze ano... lembro de coisa ruim e de coisa boa também... awei isqueço, né? (Ogum, 2015) .

Para Ogum, a memória é importante, pois é a partir dela que os quilombolas têm oportunidade de refletir sobre sua história. Quando o entrevistado diz: “Se antes a pessoa passou fome e hoje tá de barriga cheia, a pessoa deve lembrar... que passou fome antigamente”, sua fala remete à leitura do passado como necessário para a compreensão do processo de formação da comunidade. Isto porque as formas de luta e sobrevivência dos remanescentes devem ser explicitadas em meio às gerações que não tiveram oportunidade de vivenciá-las.

Ora, se hoje os remanescentes de quilombolas têm seus direitos garantidos mediante a Constituição brasileira, deve-se ponderar todo o processo de conquistas, o qual não foi fácil. Ainda há muito a avançar no que diz respeito à valorização da história e cultura quilombola. Logo, os professores necessitam refletir sobre sua prática, uma vez que a escola precisa buscar maior

aproximação com o contexto histórico e cultural do estudante. Como afirma Freire (2014), a escola tem o dever não apenas de respeitar os saberes com os quais os educandos chegam ao espaço escolar, mas, sobretudo, discutir com os estudantes esses saberes com os conteúdos.

Segundo Ogum, a vida na comunidade quilombola é melhor, mas não se deve esquecer do processo de formação de sua comunidade. Nesse sentido, percebo que a memória não é considerada importante só no meio acadêmico, mas também para os idosos quilombolas. Desse modo, ratifico a importância da memória dos idosos para a valorização da história e cultura do Matão e, principalmente, trabalhar essas memórias no espaço escolar como meio de evidenciar no cotidiano escolar a história e cultura quilombola.

Como afirma Bresciani & Naxara (2004), há muito tempo os historiadores, literatos e cientistas sociais têm se dedicado à apreensão da memória facultativa intelectual, memória conhecimento, que submete a história documental importante para suas narrativas. Logo, reconheço a relevância da memória como meio de evidenciar acontecimentos, histórias, culturas por quem realmente as vivenciou, dando voz àqueles que, por um longo período, não tiveram a oportunidade de narrar seus feitos, suas tristezas, angústias, vitórias, ou seja, de contar sua história de vida.

CONCLUSÕES

Portanto é importante considerar as experiências e raízes culturais das comunidades quilombolas no Brasil como forma de valorização da história e cultura quilombola na escola. Uma vez que ao decorrer da trajetória dos quilombolas suas vivências foram silenciadas na história institucional do Brasil com fins de controle. Contudo, as comunidades remanescentes de quilombos encontram nas narrativas orais dos sujeitos pertencentes a elas possibilidades de fazer uma releitura de suas identidades, sendo a memória de grande importância para a reescrita de sua história.

Reconhecimento dos professores do Matão/PB das narrativas dos idosos no processo de releitura da história e cultura local, será importante. Pois os idosos testemunharam o processo de construção da identidade negra quilombola. Desta maneira, será de extrema necessidade a escola quilombola recorrer às suas memórias para que se possa compreender as especificidades da construção étnica – a cultura do povo do Matão.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- CORTESÃO, Luiza; STOER, Stephen R. Acerca do Trabalho do Professor: da tradução à produção do conhecimento no processo educativo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 33-45, 1999.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber na sociedade contemporânea: reflexões antropológicas e pedagógicas**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. **Da relação com o saber: Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DELGADO, Lucilia de A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.
- _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2013.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v 2, n. 3, 1989.
- _____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.